BF | BLOG DA FEIRA

André Pomponet
DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 2020 / PUBLICADO EM COLUNISTAS, HOME

A (r)evolução tecnológica e o ocaso das redações

Mês que vem completo 25 anos no jornalismo. Faz tempo: cheguei à redação do extinto Feira Hoje em busca de uma oportunidade como revisor. Tornei-me repórter. O jornal integrava o Sistema Nordeste de Comunicação, uma cadeia de jornais e emissoras de rádio e tevê. Naquela época, o Feira Hoje funcionava ali no Mar da Tranquilidade, junto com a Subaé AM e a Nordeste FM. Era diverso e muito rico aquele ambiente, que fervilhava com os grandes acontecimentos da Feira de Santana. Convivi com grandes profissionais naquela redação.(foto)

Creio que ninguém pensava – e eu também não – que tudo fosse mudar tanto no intervalo de uma geração. À época, os jornais modernizavam seu *design*, incorporavam tecnologia, tornavam-se mais atraentes para seus leitores. Era intenso, portanto, o esforço dos impressos para se tornar cada vez palatáveis. Note-se que buscavam modernizar-se, mas seguiam herdeiros da tradição centenária do jornalismo impresso. Nos anos seguintes, tudo aquilo ia começar a mudar.

O acesso limitado da população aos computadores e à internet, no começo, retardou essas mudanças avassaladoras. No início dos anos 2000 o boletim da Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal – onde trabalhei – ainda era impresso e distribuído pelos gabinetes dos vereadores. Lá, porém, já surgia um embrião da transformação: praticamente todos os veículos de comunicação já dispunham de correio eletrônico (o e-mail) e era por ele que mandávamos os boletins. O tempo do papel impresso distribuído nos rádios, jornais e tevê tinha acabado.

A partir dali começaram a pipocar os sites noticiosos. Junto com eles, uma mudança radical no mercado de trabalho: quem antes pelejava como empregado, com carteira assinada, tornava-se empreendedor da comunicação, corria atrás dos seus próprios clientes, às vezes desdobrando-se na comunicação e no comercial. Imagino que a jornada de trabalho se ampliou e, em muitos casos, o rendimento minguou.

Essas mudanças alvejaram em cheio o jornal impresso. Mídia mais cara – e mais vinculada àqueles que tem melhor padrão educacional –, retardatária em tempos de vertiginosa circulação de informações, esses veículos até seguiram sobrevivendo, ancorando-se na credibilidade e na qualidade de suas notícias. Só que isso custa caro e, ao longo dos anos, foi entusiasmando cada vez menos os anunciantes. Obviamente, o fenômeno não é feirense e se espraia mundo afora, mas com repercussão bem sensível por aqui.

Sou do tempo em que, aos domingos, os jornais impunham-se pelo conteúdo impressionante: mais de uma centena de páginas entusiasmava o leitor que, em casa ou nas bancas, convencia-se de que atravessaria o domingo imerso na leitura. Aquele impresso conectava-o às cercanias de suas cidades e, também, aos grandes acontecimentos mundiais. Quem produzia tanta informação? Fervilhantes redações – as dos principais jornais abrigavam centenas de jornalistas – que integravam e completavam a formação de muitos neófitos.

Cheguei quando a tecnologia já enxugava redações, desempregando muitos jornalistas. Mesmo assim, considero a redação do Feira Hoje uma das maiores escolas – formais e informais – que tive a oportunidade de conhecer. Naquele começo de era pós-analógica as interações eram muito ricas e a convivência, mais fraterna. Muitas vezes, o expediente era espichado com farras inesquecíveis. Nelas, eu seguia aprendendo. Aquela lógica de redação acabou sepultada pela tecnologia. A convivência e o aprendizado orbitam hoje sob uma nova dinâmica.

Atualmente, em muitos casos, a velocidade se sobrepõe à qualidade. E também à profundidade: o empacotamento de notas curtas, muitas vezes confusas, emburrece quem escreve e quem lê. Há notícias e há notícias: muitas exigem investigação, profundidade e, obviamente, textos mais longos. Reduzir a realidade a notas telegráficas e renunciar ao conteúdo é abraçar a forma burra. Produtos do gênero dispensam as redações e qualquer sofisticação intelectual: basta um aparelho qualquer conectado à internet e uma nota curta digitada até num teclado de celular.

Sempre cultivei a convicção de que a redação é o *habitat* do jornalista. Assim como o *atelier* o é para o artista ou a oficina o é para o artesão. É claro que a atuação atomizada e digital traz aprendizado, conhecimento. Mas as redações – passei por outras desde o Feira Hoje também – trazem o traquejo, a vivência mais intensa, a formação num sentido muito mais amplo. É uma espécie de iniciação.

A morte das redações, porém, parece irrevogável. É que as mudanças tecnológicas produziram um modelo novo de empresas de comunicação. Proliferam as micro e pequenas organizações, sem grande fôlego financeiro, com atuação atomizada e, em alguns casos, muito segmentada. Há, claro, as grandes corporações que sobreviveram como exceção. Mas, mesmo nessas, a tecnologia reconfigurou as redações.

Não resvalo, porém, para uma velhice caturra, refém do passado saudoso. Vejo que a era digital também trouxe mais facilidades e, até mesmo, mais democracia à comunicação. Há infinitas alternativas, possibilidades. Isso, porém, é objeto para um outro artigo…

Sobre | Últimos Posts

André Pomponet

Economista pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2002), mestre em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2012), exerce o jornalismo desde 1995, quando ingressou no extinto jornal Feira Hoje. Posteriormente, atuou em outros órgãos de comunicação e foi Chefe de Redação da Assessoria de Comunicação Social da Câmara Municipal de Feira de Santana. Atualmente, é colunista do Blog da Feira e Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental na Universidade Estadual de Feira de Santana

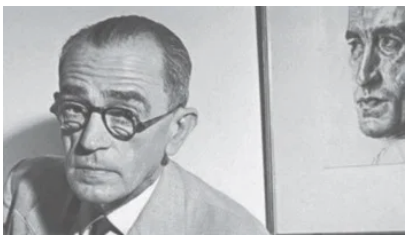
Compartilhar:

WhatsApp | Facebook | Twitter | Telegram | LinkedIn

Relacionado

JORNAL
BLOG DA FEIR
Católicos começam a novena para a Padroeira de Feira: Sant'Ana
Prefeito de Feira comenta sobre a 'buraqueira' nas ruas da cidade
Governo baiano promove diálogo com representantes das religiões
Ministério Público investiga concessão dos transportes públicos em Feira

Design da nova edição do BF homenageia jornal Feira Hoje
24/07/2013



O legado dos escritores-jornalistas
12/07/2020

"Reminiscências de uma repórter: como se fazia jornalismo sem internet", por Socorro Pitombo
02/09/2019

Blog da Feira: Jornal de Notícias de Feira de Santana

© 2020 Janio Costa Rego Comunicações - Todos os direitos reservados